

Futebol de várzea, associativismo e imigração em São Paulo: o caso da Associação Atlética Anhanguera (1928-1940)

Diana Mendes Machado da Silva

Apresentação

Em 1928, a recém-criada Associação Atlética Anhanguera passava a usufruir da várzea do Rio Tietê para a prática do futebol, tal como acontecia a dezenas de associações esportivas da Barra Funda. Promovendo bailes, festivais esportivos e uma série de modalidades lúdicas entendidas como divertimentos indissociáveis do cotidiano da várzea, o clube rapidamente angariou associados e se integrou ao cotidiano recreativo do bairro. Ao contrário do que aconteceu com inúmeras instituições dedicadas ao esporte e ao lazer, o Anhanguera manteve-se na região com sede social própria, campos de futebol e um estável conjunto de sócios a despeito das modificações urbanas ali iniciadas nos anos 1930 que levaram várias delas ao desaparecimento¹. Além disso, mesmo sem nunca ter ingressado nas ligas do futebol oficial da cidade, o clube era reportado por *A Gazeta Esportiva* desde 1929, ano seguinte à sua fundação.

Esses são alguns dos elementos que justificam a escolha da trajetória desse clube como o eixo fundamental da pesquisa de mestrado *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1958)*². O trabalho caracterizou a apropriação do esporte pelas classes populares, explorou suas especificidades entre os imigrantes instalados na várzea do Rio Tietê e indicou como tais experiências contribuíram para a formação do futebol e do *campo esportivo* na cidade de São Paulo. A pesquisa se moveu, pois, no terreno da *apropriação* e da *produção cultural* (CHARTIER, 1990, 1991; CERTEAU, 2000). Com o auxílio de fontes internas ao clube – atas de reunião, carteiras de sócios, fotografias, troféus, medalhas – e de vasta documentação da imprensa foi possível acompanhar a trajetória da Associação Anhanguera e compreender como o futebol foi vivido por aqueles que habitavam e trabalhavam nos bairros suburbanos de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Uma das faces mais significativas dessa experiência, a ser desenvolvida neste artigo, foi o associativismo que caracterizou a forma como imigrantes e populares organizaram o futebol nas várzeas da cidade.

¹ Espaços antes utilizados como campos de futebol passaram a ser destinados à instalação de fábricas e à especulação imobiliária.

² Defendida no Departamento de História da Universidade de São Paulo, em 2013, sob a orientação do Prof. Dr. José Geraldo Vinci de Moraes.

I. O clube Anhanguera: uma experiência associativa

O futebol praticado na várzea entre os populares já era uma realidade em janeiro de 1928, quando Saverio Russo, Bartholomeu Maggi e Ezzio Marchetti reuniram-se na alfaiataria deste último com o intuito de criar um clube para praticar o esporte. A ideia dos rapazes surgira após seu desentendimento com a diretoria do Grupo Esportivo Carlos Gomes,³ do qual até então faziam parte: os diretores teriam discordado da sugestão por eles apresentada de instalar um bar nas dependências sociais do clube, o que os levou a criar outra associação na qual pudessem usufruir de um bar *sempre abastecido*. Essa narrativa condensa o nascimento do clube Anhanguera, então batizado com as cores rubro-negras e com o nome da rua onde fora fundado. Ela condensa também a rivalidade que colocaria em disputa constante os clubes irmãos da comunidade ítalo-brasileira da Barra Funda que ainda vivia os desdobramentos de seus esforços de *desenraizamento* e *enraizamento*.⁴ Sem dúvida alguma, o futebol representou uma das formas de integração dessa comunidade ao país de adoção.

Após a reunião de fundação do Anhanguera, uma série de exigências se impôs aos rapazes. Além das providências que envolviam a obtenção da licença para o funcionamento do clube – tais como “o requerimento da agremiação interessada, contendo seus estatutos sociais e, principalmente, o aval da autoridade mais próxima do local onde a sociedade requisitante se instalava: os Delegados de Polícia responsáveis pelos bairros” (SIQUEIRA, 2002) – fazia-se necessário compor um considerável grupo de associados, eleger diretores e presidente, redigir os estatutos e, ainda, obter espaços para estabelecer uma sede social e uma sede esportiva. Tudo indica que eles buscavam reunir elementos para caracterizar a fundação de uma *associação* esportiva, e não de uma *agremiação*. Embora essas duas designações fossem, em geral, utilizadas como sinônimas, alguma diferença as distanciava: segundo os órgãos estatais que regulavam as organizações civis para o lazer à época, a agremiação reunia os interessados na prática de apenas uma modalidade esportiva; já a associação, mais complexa, era organizada fundamentalmente sob *interesses sociais*, o que lhe impunha a missão de desenvolver outras atividades além dos esportes. Para a Profa. Dra. Odette Seabra:

³ Fundado em 1913 por ítalo-brasileiros.

⁴ Processos que tratam de um delicado equilíbrio entre o abandono, a manutenção e a adoção de lugares, práticas e valores, processos interligados, complexos e descontínuos que devem, portanto, ser analisados conjuntamente (Cf. SEIXAS, Jacy Alves de. *Mémoire et oubli: anarchisme et syndicalisme révolutionnaire au Brésil*. Paris: Ed. de la Maison des sciences de l’homme, 1992).

O grêmio reúne em torno de uma prática e a associação reúne [...] morador, família, reúne tudo. Ela não é só um time. O que se formava sem parar eram grêmios [...] os jovens queriam jogar, então eles não fundam clube, eles formam um grêmio e vão [...] jogar. Daí eles procuram quem queira jogar. Aliás, acho que tem uma norma. Foi normatizado na década de 30 porque foi exigido dos clubes que eles tivessem várias coisas, eles tinham que formar uma associação. Eles tinham que ser uma associação, eles tinham que ter uma biblioteca, tinham que ter uma porção de coisas pra funcionar, pra ser uma associação. (SEABRA, 2011)⁵.

Em verdade, as associações não eram modalidades de participação desconhecidas pelos imigrantes europeus instalados na várzea, sobretudo entre aqueles advindos da península itálica que, desde o fim do século XIX, vinham desenvolvendo:

um tecido muito denso de associações culturais, artísticas, [...] de ajuda mútua, além das escolas. Essa rede associativa, organizada segundo as diversas origens e sensibilidades políticas, liga-se não somente a uma grande circulação de jornais em língua estrangeira, mas também a uma comunicação intercomunitária (SCHPUN, 2007, p.74).

Nessas entidades circulavam os mais diversos interesses, desde o combate ao alcoolismo, a luta contra os açambarcadores de alimentos ou o movimento pelo barateamento do preço dos aluguéis, até a oferta de atividades como o teatro e a dança. Embora diversas, essas “práticas recreativas, sindicais e esportivas não necessariamente se auto-excluía e, em algumas ocasiões, se entrecruzavam no cotidiano dos trabalhadores — mantendo relações entre si e atuando de forma semelhante” (SIQUEIRA, 2009).

Assim, o convívio entre associados no Anhanguera se dava em torno de bailes, festas religiosas e jogos como a *Passatella* e a *Morra*⁶, atividades que os reuniam em esferas coletivas de atuação. Para praticá-las compartilhavam tempos, espaços, condutas

⁵ Entrevista com a Profa. Dra. Odette Seabra, realizada em 20 de junho de 2011. Seu comentário aponta não só para a força da normatividade estatal em relação às organizações esportivas, sobretudo a partir do Estado Novo, mas também para a maior formalidade institucional das associações em comparação com as agremiações. Aponta ainda, mesmo que indiretamente, para os interesses em jogo para *agremiados* ou *associados*.

⁶ Em geral classificados como jogos de estratégia ou de azar, a *passatella* e a *morra* chegaram ao Brasil com os primeiros imigrantes, ao mesmo tempo em que sofriam uma série de restrições em toda a península itálica até serem definitivamente proibidas na década de 1920, principalmente na região centro-sul, onde ainda eram jogadas em tavernas. Os jogos possuíam base comum e não raramente apareciam combinados: “A *passatella* é um jogo que se joga em tavernas, em que um *padrone* e um *sottopadrone* (ou simplesmente *sotto*) – distribuem um vinho comprado coletivamente aos bebedores da companhia, a todos, exceto um que fica de “boca seca”, sem beber nada. O *padrone*, que pode tomar vinho à vontade, é escolhido com o jogo da *morra*, um jogo de baralho [...] na realidade não é possível falar de *passatella* em termos absolutos, mas de diversas *passatella* de vários territórios do centro-sul da Itália que, no curso dos séculos, deram origem a jogos com características diferentes. DI RISIO, Donato. *Il Manuale della Passatella*. Roma: Prospettiva Editrice, 2003, tradução nossa.

e valores que ofereciam nome e visibilidade social a cada associado dentre os perfis sociais desejados pela comunidade. Essa rica vida associativa caracterizava a dinâmica cotidiana da Associação Anhanguera, atribuindo contornos bastante singulares ao modo como o futebol foi vivido no clube.

II. O futebol de várzea: entre festivais, amistosos e excursões

Foi, pois, em meio a essa atmosfera que o Anhanguera se organizou e tomou parte nas variadas modalidades de encontro entre moradores e associações da Barra Funda. Desde os seus primeiros anos, o clube promoveu eventos futebolísticos similares aos organizados por companhias de teatro e grêmios recreativos populares. Organizados como torneios que chegavam a durar fins de semana inteiros, esses festivais concentraram a maior parte dos embates futebolísticos varzeanos e remetiam antes às festas de bairro, há décadas promovidas por militantes políticos e pela igreja, do que às *novas* modalidades competitivas recém-chegadas à cidade.

Segundo Hardman (2002), desde as décadas finais do século XIX, os militantes passaram a oferecer festas em cujos programas constavam atividades como a apresentação de dramas, poesias, conferências sociais e bailes. Entre 1920 e 1930, começam a surgir os “festivais públicos” ao ar livre e os “festivais-espetáculo” cujo destaque ficava por conta do aspecto lúdico de entretenimento coletivo (p. 50-51.). A partir desse momento, eles passaram a introduzir o futebol em seus programas, indicando que uma mudança de estratégia foi aos poucos empreendida por anarcossindicalistas para engajar politicamente operários e outros trabalhadores. Diante da forte mobilização popular em torno da recreação e dos esportes, os militantes começavam a se valer inclusive dos novos entretenimentos para seduzir os trabalhadores.

As trocas cotidianas entre as associações dos bairros varzeanos revelaram aos anarquistas o potencial do futebol para aproximar os interesses de entidades recreativas das causas políticas e trabalhistas. Nessa medida, tais militantes acabaram desempenhando um importante papel na sociabilidade do bairro. Embora nem sempre conseguissem alcançar seus objetivos iniciais, muitos deles tornaram-se elementos centrais ao promoverem o contato entre associações esportivas e recreativas, figurando, muitas vezes como *paredros*.

Outra faceta dos festivais era sua forte ligação com as tradicionais festas paroquiais, eventos beneficentes ou de socorro mútuo promovidos pela igreja católica. Seabra (2003) nota tal proximidade ao analisar uma série de notícias do *Correio Paulistano* que, entre 1920 e 1930, anunciava festivais promovidos por associações varzeanas com o seguinte teor: “festa esportiva no Parque Antártica promovida pelo E.C.Lusitano em benefício da Sociedade Cruz Vermelha Brasileira e da Sociedade Protetora dos Portugueses Desvalidos” (p. 365). Além disso, havia também “festivais organizados, vez por outra, visando cooperar, em situações adversas e urgentes da vida, com alguns associados ou com famílias” (p. 365). Afora o auxílio às entidades e aos vizinhos, tais eventos promoviam comemorações coletivas e cívicas relacionadas aos “aniversários dos clubes e também aos feriados nacionais de 1º de maio, 7 de setembro, XV de novembro. Como as datas se alternavam, tinha festa pelos campos o ano todo”. (p. 369). Nota-se, pois, que heranças de natureza política e religiosa foram recriadas no contexto esportivo varzeano.

Ao final dos anos 1930, os festivais perderam várias dessas características tornando-se quase que exclusivamente relacionados ao futebol. As atividades tradicionais passaram a figurar como coadjuvantes, aparecendo apenas entre o fim de uma partida e o início de outra, como descreve Seabra: “eram muito comuns as corridas de saco para crianças egincanas diversas entre as partidas e o baile, a conhecida *soirée* dançante, encerrava as atividades” (2003, p.367). Mesmo perdendo a importância, essas atividades não deixaram de representar os momentos em que crianças, mulheres e mais velhos participavam coletiva e ativamente dos divertimentos oferecidos pelos clubes.

Os *amistosos*, por sua vez, eram uma modalidade de encontro que ocorria com relativa frequência no universo varzeano. Diferentemente do que se passava em relação aos festivais, seu arranjo era habitualmente realizado por indivíduos – conhecidos como *paredros* – que, em geral, não eram associados aos clubes, mas conheciam muito bem seus diretores, assim como os bairros e os campos de futebol disponíveis para os embates. Tais saberes rendiam a esses articuladores pequenas gratificações oferecidas pelos beneficiados com o jogo e, em muitos casos, uma posição de liderança para os *paredros* naquelas localidades.

Em meio aos amistosos, uma disputa futebolística se destacava: eram os famosos jogos de *casados contra solteiros* que figuraram como importantes momentos rituais masculinos. Tudo indica que, ao final dos anos 1930, a modalidade já estava incorporada às festividades de carnaval no Anhanguera, a partir de uma divertida

inversão: o jogo foi ali renomeado como *senhoras e senhoritas*. Os associados do clube contam que a preparação para o jogo era iniciada nos bares, onde bebiam enquanto se maquiavam e se vestiam de senhoras ou senhoritas. Em seguida, caminhavam pelas ruas do bairro reunindo os vizinhos para a assistência e só então se dirigiam ao campo. Ao término do jogo, o destino era, uma vez mais, os bares da região, o que revela que os tempos do futebol de várzea não se restringiam ao tempo de uma partida, mas incorporavam os momentos que a antecediam e a sucediam. Ou seja, realizavam uma combinação entre os tempos e os modos das atividades lúdicas recreativas dos bairros e aqueles relacionados aos esportes.

Mas a complexidade do futebol varzeano e suburbano não se encerra aí. Para vislumbrá-lo nesse período, deve-se não apenas acompanhar como as associações se organizaram internamente, como se relacionaram entre elas e com o bairro e como estabeleceram sua dinâmica esportiva, é preciso acompanhar também sua circulação por São Paulo e até mesmo por outras cidades. As excursões para a realização de amistosos com clubes do interior e do litoral eram parte fundamental do repertório varzeano. Em 1931, o Anhanguera mantinha relações, por exemplo, com o Clube São João de Atibaia,⁷ pois adiava, por carta, seu compromisso esportivo com a referida associação. Iniciadas a partir de contatos entre familiares de associados, as ligações entre clubes de cidades diferentes indicam uma específica maneira de lidar com o espaço urbano.

As lembranças de um dos ex-presidentes do Anhanguera, o Sr. Salathiel da Silva, oferecem pistas para compreendê-las: “quando fui para o Anhanguera, [...] consegui fazer uma excursão até a Praia Grande. Emprestamos um trem da São Paulo Railway na época, para a ida e a volta. Com ônibus esperando para irmos até a praia de Santos”.⁸ Salathiel era funcionário da Ferrovia Sorocabana quando foi integrado ao Anhanguera, em 1937, o que evidencia a ligação de funcionários das ferrovias com a dinâmica das excursões.

Nesse período, já parecia bem estabelecida a prática do uso privativo dos trens para viagens nos fins de semana, sendo o litoral paulista seu destino recorrente. Sobre essa preferência, não se pode desconsiderar nem as facilidades relacionadas aos itinerários das ferrovias Sorocabana e São Paulo Railway, nem os apelos da paisagem marítima, tal como indicam as lembranças do Sr. Amadeu Bovi sobre suas experiências no início da década de 1920:

⁷ Atas da Associação Atlética Anhanguera, 29 jun. 1931.

⁸ Entrevista com o Sr. Salathiel Fernandes da Silva, realizada em 19 de julho de 2011.

todo o ano, a oficina organizava um piquenique na praia do Gonzaga: lembro a primeira vez que vi o mar, com doze anos. Meu irmão Alfredo Bovi tinha uma Jazz Band, o Grupo Excêntrico, com oito ou dez músicos. Eles promoviam passeios, piqueniques em Santos [...]. Convidavam todos os vizinhos, íamos cem, 120 pessoas. Lá em Santos alugávamos um salão; depois do banho de mar, eles tocavam, começava a brincadeira. Íamos num trem que saía da Estação da Luz e levava de três a quatro horas para nos levar. (BOSI, 2007, P.129).

Os artifícios de Salathiel e Alfredo Bovi eram semelhantes ao que outro associado do clube Anhanguera, Oswaldo Tirone, utilizaria anos depois. O funcionário de uma antiga fábrica de embalagens dispunha do caminhão da empresa aos fins de semana e o utilizava para a locomoção do time e da torcida do Anhanguera em seus jogos pela cidade. O crescimento e a diversificação da economia demandavam veículos de grande porte e de motoristas para operá-los. O futebol, com sua rápida difusão pela cidade, parecia demandar o mesmo. Assim, trens, caminhões e seus condutores eram colocados a serviço do esporte aos fins de semana: “De fim de semana era caminhão pra todo lado com bandeiras, flâmulas, hinos. Cada clube tinha o seu hino e isso era um exercício político e que vinha lá do fundo porque vinha da vontade de organização das pessoas”, afirma Seabra. (2003, p.364).

Como se nota, as disputas futebolísticas foram assimiladas às atividades de lazer e de encontro praticadas nos bairros varzeanos. Ali elas assumiram formas, durações e funções construídas em meio aos ritmos cotidianos de seus moradores que ora se aproximavam, ora se distanciavam dos ritmos daqueles que habitavam o centro da cidade, dinâmica que pode ser reconhecida também em relação à partilha do espaço urbano.

É nesse sentido que se pode compreender porque essas modalidades aconteciam paralela e concomitantemente aos campeonatos futebolísticos regidos pelos tempos e modos do moderno *football association*. Embora a APEA, que vinha organizando parte do futebol oficial paulista,⁹ já tivesse incorporado uma série de clubes varzeanos na chamada Divisão Municipal,¹⁰ atendendo, assim, aos anseios de jogadores e clubes interessados no circuito de valorização econômica e social do esporte¹¹, ela esteve longe de reunir a totalidade da várzea. Uma parcela significativa manteve-se à parte de sua

⁹ Após a unificação com a Liga Amadora de Futebol, em 1929, a associação se tornaria central na ordenação do futebol profissional.

¹⁰ Organizada em: Divisão principal, 1ª Divisão, 2ª Divisão, Divisão Municipal e Campeonato do Interior.

¹¹ Sem esquecer, evidentemente, os campeonatos promovidos pelas fábricas sob a organização da recém-fundada Liga de Esporte, Comércio e Indústria (LECI), a partir de 1933.

dinâmica, caso do clube Anhanguera e de uma série de clubes varzeanos que não empreenderam esforços para se oficializar.¹²

Ao analisar notícias publicadas em *A Plebe* e *A Vanguarda* nos anos 1920, Siqueira (2005) apresenta algumas das razões pelas quais os jornais anarquistas se colocavam como mediadores das associações varzeanas contra a entidade oficial. Para *A Vanguarda*, por exemplo,

os critérios para o estabelecimento de duas seções no campeonato municipal de futebol [...] seriam obra de três ou quatro clubes fortes, assim chamados porque contam entre seus associados burgueses endinheirados a fim de dividir os clubes fracos dos fortes, de modo que os clubes nobres ficassem separados dos plebeus.(p.77).

Embora essas razões não fossem as únicas, nem as mais importantes para tal rejeição, não deixam de revelar por que, a despeito da força das ligas da cidade no início da década de 1930 e até mesmo da entrada da imprensa esportiva nesse universo, foram mantidas nos subúrbios modalidades de disputas como os festivais e personagens como os paredros.

Considerações finais

Ao explorar a trajetória da Associação Anhanguera, sobretudo entre os anos 1928 e 1940, foi possível identificar o repertório cultural por meio do qual o esporte foi apropriado entre os ítalo-brasileiros da Barra Funda: um núcleo de práticas e sentidos vinculados à experiência do associativismo popular. Fortemente marcada pelas tradições políticas e religiosas dos grupos instalados na várzea, ela foi uma das bases materiais e simbólicas a partir das quais as entidades de bairro lidaram com o futebol. Ao viverem o delicado jogo de *desenraizar-se* e *enraizar-se* procurando o domínio de uma cultura comum, os ítalo-brasileiros encontraram no futebol uma forma de integração, pois o esporte era ali vivido como uma atividade coletiva e *de bairro*. Embora mantivesse o diálogo com formas e significados mais amplos, seus usos e sentidos permaneceram inscritos na localidade.

É nesse sentido que se pode compreender por que o futebol foi organizado no Anhanguera e em outros clubes populares menos a partir do *association* inglês do que

¹² A APEA e seus campeonatos não deixaram, no entanto, de influenciar o calendário e a própria dinâmica dessas modalidades de disputa. Os *olheiros*, por exemplo, responsáveis por recrutar varzeanos para os clubes da liga oficial, passaram a ser personagens tão importantes nesse universo quanto os paredros.

com base no modelo das associações recreativas e de socorro mútuo há muito presentes na várzea do Rio Tietê. Ali o esporte figurou como mais uma das modalidades lúdicas das comunidades imigrantes e foi vivido como uma prática coletiva e familiar.

Assim, mesmo carregando e representando valores *modernos* como a igualdade e a meritocracia, o futebol foi assimilado pelos populares em meio a práticas de cunho comunitário e significação endógena ao grupo. Práticas que ainda caracterizam parte do futebol não oficial da cidade, bastando apenas atentar para expressões como “amor à camisa”, “celeiro de craques” e “futebol-arte” para se aproximar de alguns de seus desdobramentos.

Referências

ARNAUD, Pierre. **Les origines du sport ouvrier en Europe**. Paris: L'Harmattan, 1994.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2000. v. 1.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.

_____. Cultura popular: revisitando um conceito. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão!**: memória operária, cultura e literatura no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

SCHPUN, Mônica Raisa. O cinema mudo em São Paulo: experiências de italianos e italianas, práticas urbanas e códigos sexuais. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 71-81, jan.-jun. 2007.

SEABRA, Odete Carvalho de Lima. **Urbanização e fragmentação**: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão. Tese (Livro-Docência em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SIQUEIRA, Uassyr de. Entre maxixes, peladas e palavras de ordem: associações dos trabalhadores paulistanos durante a Primeira República. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 12, n. 14, p. 75-86, 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/169>>. Acesso em: 3 mar. 2012.

_____. Clubes recreativos: organização para o lazer. In: AZEVEDO, Elciene et al. (Orgs.). **Trabalhadores na cidade**: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX. Campinas: Ed. Unicamp, 2009. p. 271-312.